

Vale tudo para evitar que alunos fiquem à toa

Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

Improvisar soluções é uma lição repetida com frequência no Centro Educacional 2, na QNM 14 da Ceilândia. No ano passado, a direção comprou um computador e o rifou. Com o dinheiro arrecadado, adquiriu cinco equipamentos iguais que serão instalados agora. Mais difícil que multiplicar máquinas, porém, é tirar professores do nada. Para a falta de profissionais, só houve um remédio: diminuir o horário de aulas.

“Vamos remanejar a escala de horários para que os alunos não fiquem sem aula na escola, mas eles terão de sair mais cedo”, explica o diretor, Antônio Carlos Chaul, 45

anos. O atraso no remanejamento de professores da Fundação Educacional contribuiu para que falem 28 dos 150 profissionais que deveriam atender os 3.280 alunos do centro.

Na EQNM 8/10 da Ceilândia, o Centro de Ensino 20 apelou para a fusão de turmas. Dois grupos de 5ª série dividiram a mesma sala, onde fizeram lanche e tiveram aula de História. “De vez em quando, a gente faz isso. Seja por falta professor ou porque uma colega adoeceu”, afirma a professora Corina Rosa Gomes, 46. “Sei não. Acho que isso pode me atrapalhar”, desconfia um dos alunos, Deusimar Santana de Sousa, 14.

Ainda na Ceilândia, o Centro Educacional 3 também recorreu à redução de horários. Mas houve gente

que acabou aumentando seu turno por conta da falta de profissionais. É o caso de Joécio Borges, 34, do professor de Ciências. Ele estaria de folga ontem, mas foi trabalhar para repor a ausência de colegas.

O centro, que tem 3 mil estudantes, precisa de 18 professores para completar o quadro de docentes. “Essa é minha forma de contribuir”, comenta Joécio. “Se os alunos começarem o ano desmotivados, será difícil recuperar a motivação.”

PALESTRAS

No lugar da folga, Joécio deu duas aulas seguidas para uma mesma turma de 19 alunos da 8ª série, que ainda se mostravam interessados pela lição. No segundo horário, o conteú-

do do livro foi trocado por uma conversa de alerta contra o uso de drogas. “Assim, eles não se cansam da aula nem de mim”, brinca o mestre.

Uma aula sobre os perigos do uso de entorpecentes também ocorreu em Samambaia como forma de preencher de forma útil o tempo dos alunos sem professor. A lição foi dada de manhã por policiais civis no Centro de Ensino 619, na quadra de mesmo número, que conta com 1,4 mil estudantes matriculados.

No Plano Piloto, também foi adotada a saída de entreter alunos com palestras. O presidente da Federação do Comércio, Sérgio Koffes, falou por quase duas horas a 150 alunos do colégio Setor Leste, na Asa Sul. O tema foi a estabilização da

economia brasileira e o fenômeno da globalização.

Depois de promover uma pesquisa com os estudantes, Koffes saiu do auditório do colégio convencido que os jovens estão esquecendo a chamada cultura inflacionária: 81% dos 200 entrevistados preferem comprar um produto à vista com 2% de desconto a pagar pela mercadoria depois de 30 dias, mas sem abatimento.

Outra lição da pesquisa deve agradar os ouvidos do secretário de Educação, Antônio Ibañez. O levantamento mostrou que 66% dos alunos consideram boa a qualidade do ensino no Setor Leste — apesar de estarem faltando 30 dos 90 professores que o colégio deveria ter.